



DROGAS DO SERTÃO NA AMAZÔNIA SETECENTISTA: PAU-CRAVO, VALIOSA CASCA

Cynthia V. Zúniga de Souza Donini (PIBIC/CNPq/Uem/LHC), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: chrfausto@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Laboratório de História, Ciências e Ambiente, PR.

Ciências Humanas/ História

Palavras-chave: Amazônia, drogas-do-sertão, pau-cravo.

Resumo:

A colonização portuguesa da área que hoje conhecemos por Amazônia possivelmente acarretou em consequências drásticas para com algumas espécies nativas da floresta. A exploração das *drogas do sertão* no século XVIII, consistiu em uma das ações substanciais dos portugueses. A casca de pau-cravo (*Dicypellium caryophyllatum*) foi um item constantemente presente nas embarcações que saíam da cidade de Belém, e navegavam pelo oceano atlântico com intuito de comercializar especiarias na Europa. Aparentemente, o número de indivíduos de pau-cravo encontrados na Amazônia por volta de 1700 era consideravelmente maior do que as duas reduzidas populações dessa espécie sobreviventes nos dias de hoje. Este trabalho propõe uma análise da exploração das populações de pau-cravo no século XVIII, para a extração de sua casca, e traçar qual era, naquele período, a distribuição das populações dessa espécie. Esta perspectiva nos permitirá compreender melhor os padrões de distribuição do pau-cravo há trezentos anos, bem como os possíveis impactos da colonização portuguesa, diante desta planta.

Introdução

Nos séculos XVI e XVII, muitos países europeus buscaram oportunidades lucrativas em diferentes partes do globo, entre elas, no bioma que, atualmente, denominamos de Amazônia. Irlandeses, ingleses, espanhóis e portugueses, começaram a se estabelecer na maior floresta equatorial, acreditando que poderiam obter ganhos com recursos florestais.



No entanto, como parte de sua colônia na América, os portugueses não estavam dispostos a partilhar aquelas terras. Por volta de 1640, eles haviam conseguido expulsar os demais forasteiros. Em seguida, a coroa procurou povoar o Amazonas e seus afluentes, bem como incentivar a agricultura e a exploração de produtos naturais que pudessem ser comercializados na Europa (CHAMBOULEYRON, 2006).

Espécies nativas da floresta, conhecidas no período colonial como *drogas-do-sertão*, forneciam recursos valiosos, tais como resinas, frutos, cascas, bulbos e folhas, passaram a ser remetidas ao porto de Belém do Pará e, de lá, transportados até a Europa, onde eram vendidos. Dentre as *drogas-do-sertão*, podemos citar o anil, o cacau, a salsa-parrilha, o óleo de copaíba, favas de baunilha e a casca de uma árvore que, hoje em dia, é considerada uma raridade da floresta amazônica: o pau-cravo (*Dicypellium caryophyllaceum*), espécie abordada neste trabalho.

O pau-cravo é uma árvore de porte médio, que chega a ter 20 metros de altura (SALOMÃO; ROSA, 2012). Da planta, os colonizadores aproveitavam-se principalmente da casca, por suas características parecidas com duas especiarias da Índia, o cravo e canela, que eram negociados com lucros altíssimos nas cidades europeias. O arquiteto Antonio Giuseppe Landi, por exemplo, em sua *Descrizione di varie piante, fritti, animali, passeri, pesci, biscie, rasine, e altre silili cose che si ritrovano in questa Cappitania del Gran Parà* [*Descrição de várias Plantas, Frutas, animais, Aves, Peixes, Cobras, raízes, e outras coisas semelhantes que se acham nesta Capitania do Grão Para*], escrita provavelmente em 1772, descreveu características da árvore de pau-cravo que tanto atraía os europeus: "(...) bendita seja por todos os tempos esta planta [o pau-cravo], por ser um aroma tão desejado em toda a Europa." (LANDI, 2002, p. 124).

Dentre as *drogas do sertão* o pau-cravo foi uma espécie explorada de maneira intensa. Esta planta hoje está na lista oficial de espécies brasileiras ameaçadas em extinção. Recentemente, pesquisadores demonstraram que apenas duas populações da espécie são encontradas no Estado do Pará: uma em Vitória do Xingu, e outra em Juriti, no oeste deste Estado (SALOMÃO; ROSA, 2012). Porém, os registros históricos, do século XVIII, contrastam fortemente com esse dado, indicando a coleta de pau cravo em uma área consideravelmente mais abrangente.

Materiais e métodos

Por meio dos registros históricos, tais como relatos, diário de viagens, corografias, *Memórias*, cartas de habitantes locais e funcionários a serviço da coroa, é possível compreender aspectos históricos acerca da exploração e áreas de coleta de pau-cravo ao longo do século XVIII. Dentre os documentos produzidos, no período, sobre a flora da Amazônia, destacam-



se para esta pesquisa os textos produzidos pelo filósofo natural luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, que chefiou uma grande expedição entre 1783 e 1792, conhecida como *Viagem Philosophica*, os escritos do padre José Monteiro de Noronha e do arquiteto Antonio Giuseppe Landi. Portanto, este trabalho busca analisar a distribuição geográfica do pau-cravo cerca de trezentos anos atrás, bem como os usos, forma de coleta da casca, comercialização e os possíveis impactos causados a esta planta devido à exploração pelos colonizadores portugueses.

Resultados e Discussão

No século XVIII, os registros históricos indicam que os europeus se dedicaram à extração de diversas populações de pau-cravo. Em 1786, Alexandre Rodrigues Ferreira indica que as coletas de pau-cravo eram realizadas com dificuldade em lugares afastados. Esse era o caso, por exemplo, segundo o filósofo natural, das proximidades da vila Santa Izabel do Rio Negro, no Rio Negro (FERREIRA, 1983, p. 119), local bastante distante das populações de *Dicypellium caryophyllaceum* encontradas atualmente.

O padre José Monteiro de Noronha, em seu relato *Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as últimas colônias do sertão da província*, escrito em 1768, por diversas vezes menciona populações de pau-cravo em áreas que não são próximas aos locais das duas atuais. Descreveu sobre a trabalhosa coleta da casca no rio Tocantins, pois a navegação por este rio "(...) é trabalhosa pelos saltos, ou catadupas, e pedras, que nella se encontrão; e pelo perigo da invasão do innumeravel gentio, que habita nas suas margens, e centros; por cujo motivo se dificulta a extracção do muito pão cravo, que ha neste rio." (NORONHA, 1768, p. 5, grifos nossos).

O método de extração da casca do pau-cravo, consistia, basicamente, no corte das árvores. Alexandre Rodrigues Ferreira, demonstrou como era realizada essa atividade e, ressaltou, como não havia por parte dos colonos praticamente nenhuma preocupação com a derrubada das mesmas. "O cravo, que não deve ser tirado das arvores ainda novas, para não embaraçar sua multiplicação e conservação, e para se não destruir mais do que se aproveita, com a mais reprehensivel desolação, que lhe fazem os cabos e os índios, é cortado, quebrado (...)" (FERREIRA, 1983, p. 127). Ou seja, como demonstram os relatos sobre extração do pau-cravo, os colonizadores portugueses, em sua busca desenfreada pela valiosa casca aromática, contribuíram fortemente para a redução das populações dessas árvores.

Conclusões



Os dados biogeográficos sobre o pau-cravo, de trezentos anos atrás, são bastante divergentes dos dados atuais. Por volta de 1700, populações dessa árvore podiam ser encontradas às margens dos rios Amazonas, Xingu, Tapajós, Tocantins, Negro e afluentes. No entanto, hoje, restaram apenas duas populações no Pará. Em grande medida, isso se deve à derrubada das árvores pelos colonizadores portugueses, em sua ânsia por encher mais e mais canoas da lucrativa casca.

A atividade dos colonizadores portugueses, portanto, parece ter tido um impacto considerável sobre espécies da fauna e flora amazônica, tal como indicam os registros históricos sobre a exploração de pau-cravo. Isso tem sido pouco abordado ou negligenciado por historiadores e biólogos, que normalmente concentram seus estudos sobre distúrbios antrópicos na Amazônia no século XIX e XX.

Agradecimentos

Agradeço aos meus colegas do LHC, ao meu orientador e ao CNPq.

Referências

CHAMBOULEYRON, Rafael. Plantações, sesmarias e vilas. Uma reflexão sobre a ocupação da Amazônia seiscentista. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, v. 6, p. 1-10, 2006.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica ao Rio Negro**. Belém: Círculo do Livro; Museu Emílio Goeldi, 1983.

LANDI, Antonio Giuseppe. O códice: descrizione di varie piante, frutti, animali, passeri, pesci, biscie, rasine, e altre simili cose che si ritrovano in questa Cappitania del Gran Pará [ca. 1772]. In: PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; CAVALCANTE, Paulo. B.; HIGUCHI, Horácio. **Landi: fauna e flora da Amazônia brasileira**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província (1768)**. São Paulo: Edusp, 2006.

SALOMÃO, R.P.; ROSA, N.A. Pau-cravo: 'droga do sertão' em risco de extinção. **Ciência Hoje**, v. 49, n. 289, 2012, p. 46-50.